

A crise mundial: dois olhares

Mauro Borges Lemos

Inicialmente parecia que a crise era uma realidade longe de nós. Depois, chegou forte ao país em outubro do ano passado. Ainda assim, a literatura econômica brasileira lhe deu pouca atenção, como se não fosse algo relevante. Duas honrosas exceções são *O ABC da Crise*, organizado pelo jornalista Sérgio Sister, e *Como Reagir à Crise? Políticas Econômicas para o Brasil*, organizado pelos economistas Edmar L. Bacha e Ilan Goldfajn.

São dois olhares bem distintos da crise mundial e de seus efeitos. O primeiro olha do andar de baixo da pirâmide da sociedade as mazelas da crise, deflagradas pelo alarmante crescimento do desemprego nas grandes cidades e na indústria. O outro observador olha do andar de cima da pirâmide as diversas dimensões da política econômica, monetária, creditícia, cambial, regulatória e fiscal, preocupado em propor um receituário de salvação do aparato liberal vigente.

E não poderia ser diferente. *O ABC da Crise* foi publicado pela Editora Fundação Perseu Abramo e pretende refletir o pensamento econômico representativo da linha programática do PT. *Como Reagir à Crise?* busca difundir os debates do Instituto de Estudos de Política Econômica da Casa das Garças, que reúne os membros mais emi-

nentes da equipe econômica do governo FHC e funciona como uma eficiente fortaleza do pensamento econômico liberal conservador contemporâneo do Brasil.

Os livros não se equivalem como dois olhares de andares diferentes da pirâmide social, ficando em desvantagem o pensamento econômico desenvolvimentista progressista. O olhar do andar de baixo é fragmentado politicamente e eclético economicamente. Em contraste, o olhar de cima é coeso e reflete de modo inequívoco o pensamento econômico liberal-conservador do Brasil contemporâneo.

O ecletismo do diagnóstico da crise e as proposições de *O ABC da Crise* expressam a fragmentação do espectro político de seus colaboradores. O artigo-âncora do livro é o de Jefferson José da Conceição, que diagnóstica didaticamente a crise e lista proposições imediatas e de médio prazo para a defesa do emprego e de mudanças institucionais e de política econômica. Falta, porém, uma análise mais consistente e fundamentada. Em algumas passagens, por exemplo, são citados conhecidos economistas da ortodoxia liberal, como Jeffrey Sachs, o que acaba por confundir o leitor. As proposições de mudanças mais fortes, como o questionamento do atual tripé monetário-cam-



Como Reagir à Crise? Políticas Econômicas para o Brasil, Edmar Bacha e Ilan Goldfajn (orgs.). Imago Editora, 2009, 120 páginas

bial-fiscal, estão timidamente argumentadas, mostrando-se pouco convincentes. Os demais artigos são contribuições pulverizadas, sem articulação entre si, faltando consistência entre muitos deles. São reproduzidos quatro artigos de Paul Krugman do *The New York Times* que não se enquadram bem numa perspectiva estrutural-desenvolvimentista do PT. Ainda que o autor seja liberal-progressista, está longe de defender mudanças mais profundas na política econômica em direção ao maior controle estatal do câmbio e da política monetária.

A coesão política do pensamento liberal-conservador dos economistas da Casa das Garças começa com o time de autores, todos do núcleo duro dos ortodoxos defensores da atual política econômica. A forma de organização do livro, a partir da localiza-



O ABC da Crise, Sérgio Sister (org.). Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 184 páginas

ção e do dimensionamento da crise, e posteriormente desenvolvendo cada instrumento da política econômica, está consistente com um fio condutor analítico articulado e um objetivo político de que a melhor forma de defesa da atual política econômica é o aprofundamento de seu conteúdo liberalizante: menor controle do câmbio, maior restrição monetária e fiscal pró-cíclica, em detrimento de uma política anticíclica de mitigação do desemprego implementada pelo governo.

O olhar do andar de baixo precisa teoricamente melhorar o foco e consolidar sua coesão programática na perspectiva de uma política econômica estável e capaz de elevar a taxa de crescimento sustentado de longo prazo.

Mauro Borges Lemos é professor de Economia na UFMG

Camorra e neoliberalismo

Emiliano José

Títulos comportam sempre um mundo próprio, complemento essencial de qualquer obra, capaz quando criativo de dar rédeas à imaginação, antecipar leituras, ampliar os sentidos. Sugestivo e esclarecedor é o título emprestado ao livro de Roberto Saviano. O leitor logo de cara irá a territórios milenares. Pensará em campos paradisíacos, em vales serenos, em planícies virgens, que se transformam em cenários dantescos, infernais, próprios para castigos vindos dos céus, de Deus ou de deuses vários, a destruir pecadores. E que ninguém olhe para trás, sob pena da morte e da cegueira.

O livro já mereceu filme dirigido por Matteo Garrone, e Saviano participou da elaboração do roteiro. Também é *Gomorra*, que ninguém perde um título desses. Paul Singer me disse que gostaria de ler uma resenha sobre o trabalho de Saviano, depois que ouviu minhas impressões em torno do livro. O filme não retrataria a complexidade da reportagem de Saviano, pensa o professor, ao menos se fossem verdadeiras as minhas análises. Reportagem é maneira de dizer. Pode ser isso e pode ser muito mais. Tem cara de romance, faz fronteira com a ficção, sem, no entanto, deixar de vincular-se de modo intenso aos fatos.

A proximidade entre o capitalismo e a máfia napolitana, a famosa Camorra, deixa o leitor estupefato. Há uma identidade profunda entre essa nova máfia e o modo de produção capitalista. Não apenas no sentido mais geral, mas na capacidade que tem a Camorra de acompanhar os movimentos contemporâneos do capital, inclusive na organização do trabalho, no tipo específico de exploração da mão de obra, na democratização do uso da cocaína pelo barateamento de seu custo de produção, na capacidade enorme de transnacionalização da droga e de outras mercadorias. A lógica do empreendimento criminoso camorrista, a mentalidade do *boss*, coincide com o mais extremo neoliberalismo. “As regras ditas, as regras impostas são as do mercado, do lucro, da vitória sobre todo concorrente. O resto não existe.”

Seguramente, o livro de Saviano nos leva a territórios desconhecidos. Ou, ao menos, não inteiramente revelados até agora. Quem poderia imaginar que o capitalismo de marcas – as famosas grifes –, antecipado por Paul Sweezy e Paul Baran no magistral *Capitalismo Monopolista*, viesse a fazer uma aliança tácita com a máfia napolitana? Saviano vai demonstrar que as grandes grifes do mun-

do do vestuário preferiram calar-se diante da investida da Camorra por conta da grande qualidade dos produtos que colocava no mercado – o que não desgastava as marcas – e porque, ao promover a divulgação das grifes, assegurava de alguma forma a presença delas no imaginário mundial e mantinha as vendas aquecidas, apesar de tudo.

Quem pensar em marcas originais – em *grifes autênticas* – pode tirar o seu cavalete da chuva. Poderíamos parafrasear Walter Benjamin e dizer que vivemos no tempo da reprodutibilidade técnica – e os artífices dessa reprodutibilidade são os operários especializados da Camorra, que inundam o mundo com os produtos camorristas.

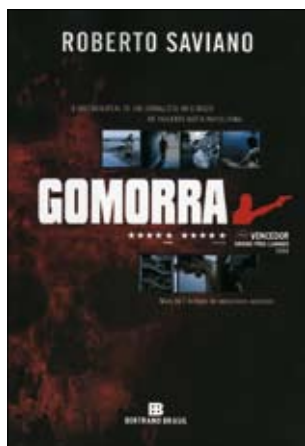
Há um episódio curioso no livro – um operário extremamente especializado da máfia napolitana recebe a encomenda de preparar um *tailleur*. Deram-lhe as medidas. Recomendaram muito esmero. E o operário, Pasquale, faz o trabalho com a sutileza de um ourives, de um estilista de renome mundial. Fez o *tailleur* com quase adoração, e teve um orgulho imenso ao terminá-lo. Nunca esqueceu das medidas, do corte da gola, dos milímetros dos pulsos. E menos ainda da calça. Chegara a passar as mãos por dentro das pernas e imaginara, como diz Saviano,

o corpo nu que cada costureiro sempre imagina. Fez três daqueles *tailleurs*. Não sabia a quem estavam destinados. A Camorra sabia.

Numa noite napolitana, Pasquale está com os três filhos e a mulher, mais o próprio Saviano, assistindo à televisão. De repente, Luisa, a esposa, aproxima-se da tela, coloca as mãos sobre a boca e solta um grito. Angelina Jolie pisava a passarela da noite do Oscar vestindo um *tailleur* de seda branca, belíssimo, uma obra de arte. A obra de Pasquale, cuja confecção ela acompanhara de perto. Pasquale sentiu muita raiva, uma raiva impossível de extravasar. Não podia curtir a sua obra, não podia dizer a ninguém que fora ele o artista.

À noite do Oscar, Angelina Jolie veste uma roupa feita em Arzano, by Pasquale. Que ganhava € 600 por mês. Ele saiu a andar pela rua. Luisa ficou em casa chorando. O trabalho, quando serve apenas para a pessoa não afundar, como é da característica de grande parte do trabalho capitalista, quando serve apenas à sobrevivência, gera, nas palavras de Saviano, ao falar de seu amigo Pasquale, “a pior das solidões”.

A Camorra, se faz do negócio das drogas a sua alavanca principal, não se restringe a ela, portanto. São enormes seus tentáculos no



Gomorra – A História Real de um Jornalista Infiltrado na Violenta Máfia Napolitana, de Roberto Saviano. Bertrand Brasil, 350 páginas, 2008

mundo do capitalismo. E, para além da violência, que está absolutamente presente, a máfia napolitana mantém antenas sensíveis para aplicar o capital resultante da droga e, às vezes, fazer de outros campos territórios férteis para a acumulação. Falamos das grifes têxteis. Mas poderíamos falar, igualmente, do controle do negócio do cimento em toda a região napolitana. Um negócio de muitos milhões de dólares. Cimento para as obras de infraestrutura, para as estradas, para as empresas imobiliárias, que podem também pertencer à Camorra.

Tentáculos que se espalham. Como a mercadoria do lixo, especialmente do lixo tóxico ou até mesmo cadáveres, tudo transacionado sem nenhum cuidado com o meio ambiente, fonte de lucros extraordinários, na esteira da lógica bruta, pura da mercadoria. Nada de valor de uso. Autêntico valor de troca, sem quaisquer outras considerações, muito menos de natureza humana.

Essa estrutura, esses tentáculos são regados com sangue. Não há exagero no que se diz. Embora, como diz Saviano, não seja necessário contar os mortos para entender a economia da Camorra, não há como negar, como ele também admite, sejam esses mortos o traço mais visível dessa economia. De 1979, ano em que o autor nasceu, até 2005, foram 3.600 mortos – mais do que a soma das vítimas do ETA na Espanha, do IRA na Irlanda e mais do que todas as mortes causadas pelo Estado na Itália no período.

A violência é essencial

àquilo que poderíamos denominar acumulação primitiva da Camorra. Acumulação primitiva com uma presença impressionante em toda a Itália, na Europa, e com laços profundos, naturalmente, com América Latina e China – a primeira pela cocaína, a segunda pelos tecidos importados. Acumulação primitiva que, como se disse, tem uma capacidade enorme de se conectar com a contemporaneidade do capitalismo.

Tão violenta quanto as mortes é a prática da máfia para fazer as misturas que barateiam a cocaína. Com elas, de três quilos de coca podem ser obtidos duzentos. São feitas com cafeína, manitol, paracetamol, lidocaína, benzocaína e anfetamina. E até talco e cálcio. Para testá-las, usam cobaias humanas denominadas *visitors*, que provam se são danosas, que reação provocam e até que ponto é possível aumentar o pó. Esses *visitors* são pessoas desesperadas, heroinômanos. A heroína, como lembra Saviano, é um mercado em

queda livre, e os heroinômanos estão em extinção e cada vez mais desesperados. Por isso, não se importam de correr o risco. Misturas em doses equivocadas podem resultar em mortes, e muitas vezes resultam. É a Camorra, com sua lógica implacável.

Essas cobaias humanas é que permitem que romanos, napolitanos, bolonheses e toda a Europa consumam a droga sem riscos. E por preços baixos. A democratização do consumo. Uma obra da Camorra. Que tanto revoltou Saviano, levando-o a se infiltrar na organização criminosa para desvendar a gravidade e a extensão de sua presença na vida italiana e em boa parte do mundo. E ele, hoje ameaçado de morte, protegido pelo Estado italiano, pôde terminar o livro gritando:

“Malditos filhos da puta, eu ainda estou vivo!”

O que não é pouco para quem fez uma obra como essa.

Emiliano José é jornalista, escritor, deputado federal (PT-BA)

VENDEDORES

ALAGOAS

Maceió

Adilson Lopes (82) 8853-3044

AMAPÁ

Macapá

Roberto Lucas (96) 8111-0488
financ.ap@pt.org.br

AMAZONAS

Manaus

Jerson Queiroz (92) 3234-5487
Cel. 9112-0153
jersonqueiroz@ig.com.br

BAHIA

Salvador

Vicente Coutinho (71) 3235-6914
Cel. 9964-1887
vicentept@oi.com.br

Vitória da Conquista

Letras & Prosa - Euvaldo (77) 3421-9015

BRASÍLIA

Antônio de Pádua (61) 3567-3991

Sheila Araujo (61) 3213-1313
Cel. 8472-1622
sheila@pt.org.br

GOIÁS

Goiania

Luciana de Mesquita (62) 3092-1013
Cel. 8412-6431
luciananamesquita.pt@hotmail.com

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Aluana Rocha (31) 3297-9063
Cel. 9807-2267
aluanarocha@gmail.com
Antonio Borges (31) 3282-1112
cebolalivros@yahoo.com.br

Uberaba

Lauro Henrique (34) 3338-2329
Cel. 9966-2751
lauroguimaraes@terra.com.br

Uberlândia

Henrique Rodrigues (34) 3239-1116
Cel. 8813-1797
henriquemorumbi@gmail.com

PARANÁ

Londrina

Paulo Urquiza (43) 3328-6556
Cel. 9992-2085
urquizaubinatti@hotmail.com

PIAUI

Teresina

João Batista Cel. (86) 9975-7122
batistaoliveira@ig.com.br

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Amilsen Muzer (21) 2725-2455
Cel. 9874-7446

SERGIPE

Aracaju

Adilson Lopes (82) 8853-3044

SÃO PAULO

Araraquara

Edilson Timóteo (16) 8128-2056
edilsonsintimoteo@yahoo.com.br

Campinas

Leandro Eliel (19) 3254-1300
Cel. 8111-0853

Presidente Prudente

Cicero Leandro (18) 3223-6859
clcosta@hotmail.com

São Paulo

Edmilson Cel. (11) 9440-4810
Hélio Silva (11) 3686-9893

João Muniz Cel. (11) 8386-2218
munizjbm@yahoo.com.br

Milton Fogo (11) 3494-2404

Oswaldo André Cel. (11) 9537-2196
oswaldoandref@ig.com.br

TOCANTINS

Hilton Faria (63) 8402-2422

Para vender assinatura de *Teoria e Debate* entre em contato com o Departamento Comercial pelo telefone (11) 5571-4299, ramal 146, ou por e-mail: tddivulgacao@fpabramo.org.br